

DECLARAÇÃO DO PARLAMENTO DAS RELIGIÕES DO MUNDO

A história de um dos documentos mais importantes do final do século XX, contada por um de seus principais criadores.

O Conselho para um Parlamento das Religiões do Mundo em Chicago delegou-me a função de desenvolver um esboço de uma Declaração das Religiões para uma Ética Global. Essa foi para mim uma tarefa extremamente difícil. Em todo caso, depois de ter que lidar com os problemas semelhantes durante um semestre inteiro (1992), num colóquio interdisciplinar com participantes de várias religiões e continentes tive condições de produzir um esboço inicial e enviá-lo a vários colegas e amigos para correção.

Este primeiro rascunho recebeu ampla aprovação daqueles a quem foi enviado. Ao mesmo tempo, dezenas de sugestões para correções formais, bem como de conteúdo, foram dadas. Levei-as em consideração o mais cuidadosamente possível, num segundo esboço; dessa maneira, o texto ganhou em precisão. Desejo estender meus sinceros agradecimentos àqueles que participaram deste importante projeto, seja no colóquio interdisciplinar ou em colaboração desde o início, por meio de correspondência.

Gostaria de indicar aqui, de modo breve, os princípios que me guiaram nessa tarefa.

1. Em primeiro lugar, esta deveria ser uma declaração das religiões, que poderia mais tarde ser seguida por uma declaração geral (como, por exemplo, no âmbito da UNESCO).
2. Numa declaração para uma ética mundial, o foco não poderia incidir sobre o plano das leis, direitos codificados e parágrafos recorríveis (como no caso dos direitos humanos, por exemplo), ou no plano político, de sugestão de soluções concretas (como na crise da dívida do Terceiro Mundo), mas apenas no nível ético: o âmbito dos valores agregativos, padrões irrevogáveis e atitudes interiores fundamentais. É claro que esses três níveis estão relacionados entre si.
3. Houve sugestões para tornar a declaração mais "religiosa". Contudo, novas dificuldades resultariam daí. Se, por exemplo, falássemos "em nome de Deus", *a priori* excluiríamos os Budistas. Além do mais, não há consenso sobre a definição do que é "religião". Em todo caso, referi-me claramente à dimensão da transcendência, sem forçar a anuência dos não religiosos, que esta declaração deve incluir.
4. Por outro lado, houve sugestões para tornar a declaração menos "religiosa". Contudo, se as religiões, em essência, apenas repetissem os princípios da Declaração dos Direitos Humanos das Nações Unidas, tal declaração se tornaria supérflua; uma ética é mais do que um conjunto de direitos. É claro que nossa Declaração para uma Ética Global pode ser um apoio ético à Declaração dos Direitos Humanos da ONU. De fato, é totalmente desejável que a UNESCO ou a ONU, assim que possível, também apresentem uma Declaração para uma Ética Global.
5. A declaração deve ser capaz de produzir consenso. Portanto, devem-se evitar afirmações que *a priori* seriam rejeitadas por uma das grandes religiões e, conseqüentemente, questões morais controvertidas (como aborto ou eutanásia) tiveram de ser excluídas.
6. Esta deve ser uma declaração formulada em linguagem amplamente compreensível, o que evitará argumentos técnicos e jargões, e passível de tradução em diversos idiomas. Parece-me ser mais compreensível começar com definições negativas e, em seguida, mudar para afirmações positivas.

Esta declaração foi assinada pela maioria dos quase duzentos delegados das religiões mundiais que participaram do Parlamento das Religiões do Mundo, ocorrido no centenário do primeiro Parlamento Mundial das Religiões, em Chicago, em 1893. O Parlamento das Religiões do Mundo de 1993 (com a participação de 6.500 pessoas) ocorreu entre 28 de agosto e 4 de setembro de 1993 em Chicago, e esta declaração foi solenemente proclamada em 4 de setembro de 1993.

Considerações explicativas – O mundo está experimentando uma crise fundamental: a crise na economia global, na ecologia global e na política global. A falta de grandes visões, o emaranhado dos problemas não resolvidos, a paralisação política, lideranças políticas medíocres com pouca visão interior e exterior e, em geral, muito pouco senso de bem comum são vistos por toda parte. Há muitas respostas antigas para novos desafios.

Centenas de milhões de seres humanos em nosso planeta sofrem cada vez mais com o desemprego, pobreza, fome e a destruição de suas famílias. A esperança de uma paz duradoura entre as nações afasta-se de nós. Há tensões entre os sexos e as gerações. Crianças morrem, matam e são mortas. Cada vez mais países são abalados pela corrupção na política e nos negócios. É cada vez mais difícil viver pacificamente em nossas cidades, devido aos conflitos sociais, raciais e éticos, o abuso de drogas, o crime organizado e até a anarquia. Mesmo vizinhos freqüentemente vivem com medo uns dos outros. Nosso planeta continua a ser impiedosamente pilhado. Um colapso dos ecossistemas nos ameaça. Repetidamente, vemos líderes e membros de religiões incitar a agressão, o fanatismo, o ódio e a xenofobia – e até inspirar e legitimar conflitos violentos e sangrentos. A religião é muitas vezes usada apenas para fins de poder político, incluindo a guerra. Estamos desgostosos. Condenamos esses males e declaramos que eles não são inevitáveis. Já existe, nos ensinamentos religiosos do mundo, uma ética que pode conter a dor global. É evidente que essa ética não oferece solução direta para todos os imensos problemas mundiais. Mas proporciona fundamentos morais para uma melhor ordem individual e global – uma visão que pode afastar mulheres e homens do desespero, e a sociedade, do caos. Somos pessoas comprometidas com os preceitos e práticas das religiões do mundo. Confirmamos que já existe um consenso entre elas, que pode ser a base para uma ética global – um consenso fundamental mínimo a respeito de valores agregativos, padrões irrevogáveis e atitudes morais fundamentais.

1. Nenhuma ordem mundial melhorará sem uma ética global

Nós, mulheres e homens de várias religiões e regiões da terra nos dirigimos aqui a todas as pessoas, religiosas e não religiosas, pois compartilhamos as seguintes convicções:

que todos somos responsáveis por uma ordem mundial melhor;

que a luta pelos direitos humanos, liberdade, justiça, paz e preservação da terra é justa e necessária;

que nossas diferentes religiões e tradições culturais não devem impedir nosso envolvimento comum em oposição a todas as formas de desumanidade e o trabalho para uma maior humanização;

que os princípios expressos nesta declaração podem ser afirmados por todas as pessoas com convicções éticas, religiosamente fundamentadas ou não;

que nós, como mulheres e homens religiosos que baseamos nossas vidas numa realidade última, e que dela tiramos força espiritual e esperança por meio da fé, da oração ou meditação, em palavras ou silêncio temos, contudo, uma responsabilidade muito especial pelo bem-estar de toda a humanidade.

Depois de duas guerras mundiais, do colapso do fascismo, nazismo, comunismo e colonialismo, e do fim da guerra fria, a humanidade entrou numa nova fase de sua história. Ela tem hoje suficientes recursos econômicos, culturais e espirituais para instaurar uma ordem mundial melhor. Mas novas tensões étnicas, nacionais, sociais e religiosas ameaçam a construção pacífica de um mundo assim. Nossa época experimentou um progresso tecnológico nunca antes ocorrido, e, no entanto ainda somos confrontados pelo fato de que a pobreza, a fome, a mortalidade infantil, o desemprego, a miséria e a destruição da natureza, em âmbito mundial, não diminuíram, mas aumentaram. Muitas pessoas estão ameaçadas pela ruína econômica, desordem social, marginalização política e pelo colapso nacional.

Em tal situação crítica, a humanidade não precisa apenas de ações e programas políticos, mas também de uma visão de convívio pacífico entre as pessoas, grupos étnicos e éticos e religiões; precisa de esperanças, metas, ideais, referências. Mas estes escaparam das mãos das pessoas ao redor do mundo. Será que as religiões, contudo, apesar de suas freqüentes falhas históricas, não têm a responsabilidade de demonstrar que tais esperanças, ideais e referências podem ser cultivados, defendidos e vividos? Isso é especialmente verdadeiro em relação ao Estado moderno: exatamente porque ele garante a liberdade de consciência e religião, e precisa de valores agregativos, convicções e normas que sejam válidos para todas as pessoas, não importando a sua origem social, cor da pele, idioma ou religião.

Estamos convencidos da unidade fundamental da família humana. Portanto, rememoramos a Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas de 1948. Aquilo que ela formalmente proclamou em termos de direitos, gostaríamos de confirmar e aprofundar aqui, na perspectiva de uma ética: a integral realização da dignidade intrínseca da pessoa humana, da liberdade inalienável, da igualdade de todas as pessoas, e a necessária solidariedade de toda a humanidade.

Baseados em experiências de vida pessoal e na história opressiva de nosso planeta aprendemos:

que uma ordem mundial melhor não pode ser criada ou, efetivamente, respeitada apenas por meio de leis, prescrições e convenções;

que a realização da justiça em nossas sociedades depende do discernimento e da prontidão para agir justamente;

que ações em favor de direitos presumem uma consciência de dever, e que, portanto devemos nos dirigir tanto às mentes quanto aos corações das mulheres e homens;

que direitos sem moralidade não podem durar muito, e que não haverá uma ordem mundial melhor sem uma ética global.

Não entendemos ética global como uma única religião acima de todas as demais, e certamente não como a dominação de uma religião sobre todas as outras. Por ética global entendemos um consenso fundamental sobre valores unificadores, patamares incondicionais e atitudes pessoais. Sem tal consenso ético básico, qualquer comunidade será cedo ou tarde ameaçada pelo caos ou ditadura.

1. Uma exigência fundamental: todo ser humano deve ser tratado humanamente

Contudo, porque somos todos homens e mulheres falíveis, com limitações e defeitos, e porque estamos conscientes da realidade do mal, sentimo-nos compelidos, em nome do bem-estar da humanidade, a expressar nesta declaração nossas convicções sobre quais deveriam ser os elementos fundamentais de uma ética global - tanto para indivíduos como para comunidades e organizações, para Estados como também para as próprias religiões. Pois acreditamos que nossas religiões e tradições éticas, muitas vezes milenares, contêm elementos suficientes de uma ética convincente e praticável para todas as mulheres e homens de boa vontade, religiosos e não religiosos, e que podem, portanto, formar uma fundação moral comum para uma vida humana conjunta em nossa terra.

Ao mesmo tempo, sabemos que nossas diversas religiões e tradições éticas muitas vezes oferecem referências muito diferentes a respeito do que é útil e do que é inútil para os homens e as mulheres, o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é mau. Não queremos disfarçar ou ignorar as sérias diferenças entre cada uma das religiões. Contudo, elas não devem nos impedir de proclamar publicamente aquilo que já temos em comum agora, ao que juntos sentimo-nos comprometidos, cada um referindo-se às suas próprias bases religiosas ou éticas.

Estamos conscientes de que as religiões não podem solucionar os problemas econômicos, políticos e sociais deste mundo. Contudo, elas podem certamente oferecer aquilo que obviamente não pode ser obtido apenas mediante planos econômicos, programas políticos ou regulamentações legais: podem promover uma mudança na orientação interior, na mentalidade, no "coração" das pessoas, e levá-las a uma "conversão" de um caminho falso para uma nova orientação de vida. As religiões são capazes de proporcionar às pessoas um horizonte de sentido para suas vidas, padrões supremos e um lar espiritual. É evidente que elas só podem atuar com credibilidade quando eliminam os conflitos que afloram em si próprias, e desmontam imagens e preconceitos, medos e desconfianças mutuamente hostis.

Todos sabemos que hoje, como antes, em todo o mundo mulheres e homens são tratados desumanamente: são roubados em sua liberdade e oportunidades; seus direitos humanos são pisoteados; sua dignidade humana é desprezada. Mas ter poder (para) não significa ter direito (de). Ante toda a desumanidade, nossas religiões e convicções éticas exigem que cada ser humano seja tratado humanamente.

Isso significa que cada homem - sem distinção de sexo, idade, raça, cor da pele, idioma, religião, opção política, ou origem nacional ou social - possui uma dignidade inalienável e intocável. E todos, tanto indivíduos como Estados, são obrigados a honrar essa dignidade e garantir sua efetiva proteção. Os seres humanos devem sempre ser os sujeitos dos direitos, devem ser os fins, nunca mero meios, nunca objetos de comercialização e industrialização na economia, política e meios de comunicação, em institutos de pesquisas e empresas. Também em nossa era nenhum ser humano, nenhuma classe social, nenhum grupo influente de interesses, nenhum cartel de poderosos e igualmente nenhum Estado se eleva acima do bem e do mal. Não, todos os homens e mulheres, como seres dotados de razão e consciência, são obrigados a agir de forma genuinamente humana, e não desumana, a fazer o bem e não o mal!

Esclarecer o que isso significa concretamente é a intenção da nossa declaração.

Gostaríamos de recordar que normas éticas não devem ser algemas e correntes, mas ajuda e suporte para os seres humanos, para que eles sempre encontrem e realizem novamente a direção, os valores, a orientação e o sentido de suas vidas.

Para uma atitude autenticamente humana, lembramos especialmente a Regra de Ouro que tem sido mantida em muitas religiões e tradições éticas há milhares de anos: aquilo que você não quer que seja feito a você, não o faça a outros. Ou, afirmativamente: aquilo que você quer que lhe seja feito, faça-o aos outros. Essa deveria ser a norma irrevogável e incondicional para todas as áreas da vida, para as famílias e as comunidades, para as raças, nações e religiões. A autodeterminação e a auto-realização são absolutamente legítimas - enquanto não estiverem separadas da responsabilidade individual e da responsabilidade global, da responsabilidade pelos outros seres humanos e pela natureza. Toda forma de egoísmo, contudo, toda auto-referência, seja ela individual ou coletiva, seja na forma de pensamento de classe, racismo, nacionalismo ou sexismo, deve ser rejeitada. Por isso impede os humanos de ser autenticamente humanos.

A regra de ouro implica padrões muito concretos aos quais nós, humanos, deveríamos e gostaríamos de nos apegar firmemente, pois concernem ao bem-estar tanto dos indivíduos como da humanidade. Existem, acima de tudo, quatro antigas orientações para o comportamento humano, que são encontradas na maioria das religiões do mundo.

Deveriam ser evocadas junto com uma visão para uma ordem mundial melhor.

2. Quatro diretivas irrevogáveis

1. Para uma cultura de não violência e respeito à vida

- a) Incontáveis mulheres e homens, de todas as regiões e religiões, lutam para levar uma vida que não seja determinada pelo egoísmo, mas sim pelo compromisso para com os outros seres humanos e para com o mundo ao seu redor. Contudo, no mundo de hoje ainda existe ódio, rancor, inveja e violência sem fim, não apenas entre indivíduos mas também entre grupos sociais e étnicos, classes, raças, nações e religiões. A tendência ao uso da violência e do crime organizado, equipados com novas possibilidades técnicas, alcançou proporções globais. Muitos lugares ainda são governados pelo terror, e grandes, bem como pequenos ditadores, oprimem seu próprio povo. Até mesmo em algumas democracias prisioneiros são torturados, homens e mulheres são mutilados, reféns são mortos.
- b) Entretanto, nas grandes religiões antigas e nas tradições éticas da humanidade, encontramos o ensinamento: não mataras! Ou, em termos positivos: Tenha respeito pela vida! Concretamente, isso significa que ninguém tem o direito de torturar, ferir e, certamente, de matar nenhum outro ser humano. E nenhum povo, nenhuma raça, nenhuma religião, têm o direito de odiar, discriminar, e certamente de exilar ou liquidar uma minoria "estrangeira" que seja diferente nos costumes e nas crenças.

- c) Portanto, os jovens deveriam aprender, já em seus lares e na escola, que a violência não deve ser um meio de resolver as diferenças com os outros. Só então poderá ser criada uma cultura de não-violência. Todas as pessoas têm direito à vida, à integridade corporal e ao desenvolvimento da personalidade, enquanto não ofenderem os direitos dos outros. É claro que onde quer que existam humanos haverá conflitos. Estes, entretanto, devem ser resolvidos sem violência. Isso é verdade, tanto para Estados como para indivíduos, pois os detentores de poder político devem sempre se comprometer primeiramente com as soluções não violentas, no contexto de uma ordem internacional pacífica. E esta também tem necessidade de proteção e defesa contra os perpetuadores da violência. O armamentismo é um caminho equivocado, o desarmamento é a ordem do dia. Não haverá sobrevivência para a humanidade sem a paz.

A pessoa humana é infinitamente preciosa e deve ser incondicionalmente protegida. Mas, igualmente, a vida dos animais e das plantas que coabitam este planeta conosco merecem proteção, preservação e cuidado. Como seres humanos, temos também responsabilidade pelo ar, água e solo, com vistas às gerações futuras.

A dominação da humanidade sobre a natureza e o cosmos não deve ser propagada, mas, em seu lugar, a convivência harmônica com a natureza e o cosmos deve ser cultivada.

Falamos de um respeito à vida, a toda forma de vida.

- d) Sermos autenticamente humanos no espírito das nossas grandes religiões e tradições éticas significa que, tanto na vida pública como na vida privada, não devemos ser impiedosos e brutais, mas sim preocupados com os outros e dispostos a ajudar. Todos os povos, raças e religiões devem demonstrar tolerância, respeito, e mesmo alto apreço pelos demais. As minorias - sejam elas raciais, étnicas ou religiosas - precisam de nossa proteção e apoio.

2. Para uma cultura de solidariedade e de ordem econômica justa

- a) Incontáveis seres humanos, em todas as regiões e religiões, lutam ainda hoje para viver uma vida em solidariedade com os demais, de trabalho e autêntico preenchimento de suas vocações. Apesar disso, no mundo de hoje existem fome sem fim, deficiências e necessidades, pelas quais não apenas indivíduos, porém mais ainda estruturas injustas, são responsáveis. Milhões de homens e mulheres estão sem trabalho, milhões são explorados, expulsos para a margem da sociedade, com suas possibilidades futuras destruídas por um trabalho mal pago. Em muitos lugares, o espaço entre os pobres e os ricos, entre os poderosos e os desprotegidos, é monstruoso. Num mundo no qual o socialismo de estado, bem como o capitalismo lucrativo, esvaziaram muitos valores éticos e espirituais por meio de uma visão meramente político-econômica das coisas, a avidez por lucros ilimitados, a cobiça por pilhagens sem fim poderiam disseminar-se, bem como uma mentalidade materialista, de reivindicações que constantemente exigem mais dos governos, sem obrigar cada um a contribuir mais. O câncer social da corrupção cresceu tanto nos países em desenvolvimento quanto nos desenvolvidos.
- b) Contudo, nas grandes religiões antigas e nas tradições éticas da humanidade, encontramos o ensinamento: não roubarás! Ou, em termos positivos: sê honesto! E, de fato, nenhum homem tem o direito de roubar ou despojar - de nenhuma maneira - outros seres humanos ou o bem público. Reciprocamente, nenhum ser humano tem o direito de usar seus bens sem se importar com as necessidades da sociedade. Onde reina a pobreza extrema ocorrerão roubos, muitas vezes por necessidade de sobrevivência, se o completo abandono e o desespero esmagador ainda estiverem reinando. E onde o poder e a riqueza são acumulados sem piedade, sentimentos de inveja, ressentimento e, sim, ódio mortal, inevitavelmente brotarão nos despossuídos. Isso leva todos facilmente a um círculo diabólico de violência e contra-violência. Não existirá uma paz global sem uma ordem global justa.

- c) Portanto, os jovens deveriam aprender, já nos seus lares e nas escolas, que a propriedade, por pequena que seja, carrega consigo uma responsabilidade, e que seu uso deveria ao mesmo tempo servir ao bem comum. Só então uma ordem econômica justa poderá ser construída. Entretanto, se a situação crítica dos bilhões de seres humanos mais pobres, particularmente mulheres e crianças, deve ser melhorada, as estruturas da economia mundial precisam ser fundamentalmente alteradas. Boas ações individuais e projetos assistenciais, apesar de indispensáveis, não são suficientes. A participação de todos os países e a autoridade de organizações internacionais são necessárias para se chegar a um acordo justo.

Certamente conflitos de interesses são inevitáveis, e mesmo as nações em desenvolvimento têm necessidade de uma busca nacional de consciência. Mas uma solução para a crise da dívida e a pobreza do segundo e do terceiro mundos, que possa ser apoiada por todos os interessados, deve ser buscada. Em todo caso, nos países desenvolvidos, deve-se fazer uma distinção entre o consumismo justificável e o injustificável, entre o uso socialmente benéfico e o não-benéfico da propriedade, entre o uso razoável e o uso irracional dos recursos naturais, entre a economia de mercado orientada apenas pelo lucro ou social e ecologicamente orientada. É universalmente válido: onde quer que os que governam ameacem sufocar os governados, as instituições ameacem as pessoas, o poder oprima os direitos; a resistência - sempre que possível, não-violenta - deve ocorrer.

- d) Ser autenticamente humano, no espírito das grandes religiões e tradições éticas no mundo de hoje, significa o seguinte:

em vez de desperdiçar o poder econômico e político em batalhas implacáveis pela dominação, devemos utilizá-lo para o serviço da humanidade: num espírito de compaixão para com os que sofrem e com cuidado especial pelos pobres, deficientes, idosos, refugiados e os solitários;

em vez de pensar apenas em poder e políticas de poder ilimitado, e nas lutas competitivas inevitáveis, deveria prevalecer um respeito mútuo, um equilíbrio razoável de interesses e um esforço para a mediação e a consideração;

em vez da avidez insaciável por dinheiro, prestígio e consumo, o sentido de moderação e modéstia deveria voltar a reinar. Pois na avidez os humanos perdem as suas almas, liberdade interior e, portanto, aquilo que os faz humanos.

1. Para uma cultura de tolerância e uma vida honrada

- a) Incontáveis seres humanos, de todas as regiões e religiões, lutam ainda em nossos dias para levar uma vida de honestidade e honradez. E no entanto existem no nosso mundo de hoje mentiras e imposturas sem fim, fraudes e hipocrisia, ideologias e demagogia:

políticos e empresários que usam mentiras como caminho para o sucesso;

meios de comunicação de massa que divulgam propaganda ideológica em vez de reportagens cuidadosas, desinformação no lugar de informação;

cientistas e pesquisadores que se entregam a programas políticos ou ideológicos moralmente questionáveis ou a grupos de interesses econômicos, e que se esforçam para justificar pesquisas e experimentos que violam valores éticos fundamentais;

representantes de religiões que rejeitam membros de outras como se tivessem pouco valor, e que pregam o fanatismo e a intolerância em vez de respeito, entendimento e tolerância.

- b) Contudo, nas grandes religiões antigas e tradições éticas da humanidade, encontramos o ensinamento: não mentirás! Ou, em termos positivos: diga a verdade! De fato, nenhuma mulher ou homem, nenhuma instituição, nenhum Estado, igreja ou comunidade religiosa têm o direito de dizer inverdades a outros seres humanos. Isso é especialmente verdade para:

Os meios de comunicação de massa, aos quais o direito de liberdade de imprensa e de reportagem, para o bem da verdade, é assegurado e aos quais, portanto, o posto de guardião é concedido; não devem ficar acima da moralidade, mas a serviço da dignidade, dos direitos humanos e dos valores fundamentais; devem estar a serviço da objetividade, lealdade e preservação da dignidade pessoal; não têm o direito de imiscuir-se na esfera da privacidade humana, manipular a opinião pública ou distorcer a realidade.

Artistas e cientistas, a quem liberdade artística e acadêmica é assegurada; não estão dispensados de padrões éticos gerais e devem servir sinceramente à verdade.

Políticos que, se mentirem para seus povos, desperdiçam sua credibilidade e não merecem ser reeleitos.

Finalmente, representantes das religiões. Quando incitam o preconceito, o ódio e a inimizade para com aqueles que professam credos diferentes, não merecem adeptos.

c) Portanto, os jovens devem aprender, já nos seus lares e nas escolas, a pensar, falar e agir conforme a verdade. Todos os seres humanos têm direito à verdade. Têm também direito à informação necessária e à educação, para que estejam aptos a tomar as decisões que serão formativas para suas vidas. Sem uma orientação ética fundamental, dificilmente poderão distinguir o importante do insignificante, na atual torrente diária de informações. Padrões éticos vão ajudá-los a identificar quando os fatos estiverem distorcidos, os interesses velados, as tendências manipuladas e as opiniões tornadas absolutas.

d) Ser autenticamente humano, no espírito das nossas grandes religiões e tradições éticas no mundo de hoje, significa o seguinte:

em vez de desonestidade, de uma adaptação à vida dissimulada e oportunista, devemos cultivar o espírito da verdade também nas relações diárias entre os seres humanos;

em vez de espalhar meias-verdades ideológicas ou partidárias, devemos sempre procurar a verdade com uma sinceridade incorruptível;

em vez de confundir liberdade com arbitrariedade e pluralismo com indiferença, elevemos a verdade;

em vez de correr atrás do oportunismo, devemos respeitar com lealdade e constância a verdade uma vez encontrada.

2. Para uma cultura de direitos iguais e parceria entre homens e mulheres

a) Incontáveis seres humanos, de todas as regiões e religiões, lutam para viver suas vidas num espírito de parceria entre homens e mulheres, de ação responsável nas áreas do amor, sexualidade e família. Contudo, em todo o mundo existem formas condenáveis de patriarcalismo, dominação de um sexo sobre o outro, exploração de mulheres, abuso sexual de crianças e prostituição forçada. As diferenças sociais neste planeta não raro levam à prostituição como um meio de sobrevivência, particularmente pelas mulheres dos países menos desenvolvidos.

b) Contudo, nas grandes religiões antigas e nas tradições éticas da humanidade encontramos o ensinamento: não cometas imoralidades sexuais! Ou, em termos positivos: respeita e ama o próximo! Concretamente, isso significa: ninguém tem o direito de degradar outros a meros objetos sexuais, forçá-los ou prendê-los numa dependência sexual. A exploração sexual deve ser condenada como uma das piores formas de degradação humana. Onde quer que - inclusive em nome de convicções religiosas - a dominação de um sexo sobre o outro for pregada, e a exploração sexual tolerada, onde quer que a prostituição seja promovida, ou que crianças sejam abusadas, a resistência é imperiosa.

c) Portanto, jovens mulheres e homens deveriam aprender, já em seus lares e nas escolas, que a sexualidade é fundamentalmente não uma força negativa, destrutiva ou exploradora, mas uma força criativa. Sua função como formadora da afirmação da vida comunitária pode ser aplicada, principalmente se for vivida com responsabilidade pela felicidade própria e pela do parceiro. A relação entre homens e mulheres tem certamente uma dimensão sexual, mas a realização humana não é idêntica à felicidade sexual. A sexualidade deve ser a expressão e a reafirmação de uma relação amorosa vivida em parceria. Inversamente, contudo, algumas tradições religiosas conhecem o ideal de uma renúncia voluntária do uso completo da sexualidade; essa renúncia pode também ser uma expressão de identidade e uma realização significativa.

A forma de casamento socialmente institucionalizada que, apesar de suas variações culturais e religiosas, é caracterizada pelo amor, fidelidade e permanência, busca, e deve garantir, segurança e apoio mútuo ao marido, mulher e filhos e assegurar seus direitos. É no casamento que a relação entre a mulher e o homem deve ser caracterizada não por um comportamento de superioridade ou exploração, mas pelo amor, parceria e confiança. Todas as regiões e culturas deveriam desenvolver relações econômicas e culturais que tornassem possível o casamento e a família dignos dos seres humanos, principalmente para as pessoas idosas. Os pais não deveriam explorar os filhos, nem estes os pais; sua relação deveria, sim, refletir respeito, apreço e interesse mútuos.

d) Ser autenticamente humano, no espírito das nossas grandes religiões e tradições éticas no mundo de hoje significa:

em vez de dominação ou degradação patriarcal, que são a expressão da violência e geram a contra-violência, respeito mútuo, parceria, entendimento e tolerância;

em vez de qualquer forma de lascívia sexual possessiva, ou abuso sexual, respeito mútuo, tolerância, prontidão para a reconciliação e amor. Apenas o que já foi vivido no plano das relações pessoais e familiares pode ser praticado ao nível das nações e religiões.

1. Uma transformação da consciência

Toda experiência histórica demonstra o seguinte: nosso planeta não pode ser mudado, a não ser que num futuro não muito distante uma alteração na consciência dos indivíduos seja alcançada. Isso já foi verificado em áreas como a guerra e a paz, ou economia e ecologia. E é precisamente em relação a essa mudança interior, a essa transformação da totalidade da mente, do "coração", que as religiões têm especial responsabilidade. Estamos conscientes, contudo, de que um consenso universal sobre diversas questões individuais e éticas controvertidas (desde ética sexual e bioética, passando pela ética científica e dos meios de comunicação, até a ética política e econômica) será dificilmente conseguido. Em todo caso, mesmo para muitas questões ainda controversas, soluções diferenciadas devem ser buscadas no espírito dos princípios fundamentais aqui conjuntamente desenvolvidos. Em diversas áreas da vida, já surgiu uma nova consciência das responsabilidades éticas. Portanto, ficaríamos especialmente contentes se o maior número possível de associações profissionais nacionais ou internacionais, como as dos físicos, cientistas, homens de negócios, jornalistas e políticos, pudessem juntar-se para ditar códigos de ética. Acima de tudo, seria bom se cada religião em particular também formulasse sua ética específica: aquilo que ela tem a dizer, sustentado pela tradição de sua fé, a respeito, por exemplo, do sentido da vida e da morte; sobre como suportar os sofrimentos e o perdoar as culpas; sobre o sacrifício desinteressado e a necessidade da renúncia, compaixão e alegria. Tudo isso será compatível com uma ética global e pode até mesmo aprofundá-la, torná-la mais específica e concreta.

Estamos convencidos de que uma nova ordem global só pode ser melhor num mundo socialmente benéfico e pluralista, de relações de parceria e promoção da paz, de respeito ao meio ambiente e ecumênico. Portanto, apoiados em nossas convicções religiosas, comprometemo-nos com uma ética global comum e convidamos todas as mulheres e homens de boa vontade a fazer desta sua própria declaração.

Nota

- 1. "Ética", e não "éticas", o que implicaria grandes detalhamentos. "Ética", no singular, expressa a atitude fundamental em relação ao bem e o mal e os princípios para colocá-la em ação.**